



A terra, o campesinato e a agroecologia no Assentamento Santana em Monsenhor Tabosa - Ceará, Brasil

The land, the peasantry and agroecology in the Santana Settlement in Monsenhor Tabosa - Ceará, Brazil

Adeliane Vieira de Oliveira* 

Resumo

Neste artigo analisamos a condição camponesa no Assentamento Santana em Monsenhor Tabosa – Ceará. Apresentamos a luta pela terra do Assentamento e como a organização camponesa vem forjando possibilidades de luta e conquista de vida digna na terra, a partir da articulação do campesinato e a organização das práticas agroecológicas no território do Assentamento que se encontra em processo de transição agroecológica. Os procedimentos metodológicos compreenderam a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo em que se utilizou a entrevista semiestruturada como principal instrumento de coleta de dados, somados ao diário de campo e aos registros fotográficos. Constatamos que no Assentamento Santana, os camponeses organizados em coletivos e mobilizando-se a partir de práticas agroecológicas, estão erguendo uma nova condição camponesa. Sendo possível perceber que as práticas vão se fortalecendo nos territórios, numa perspectiva dialética que move a vida e o fazer viver garantindo a afirmação dos interesses do campesinato.

Palavras-chave: condição camponesa; transição agroecológica; Assentamento Santana.

Abstract

In this article we analyze the peasant condition in the Santana Settlement in Monsenhor Tabosa – Ceará. We present the struggle for the land of the Settlement and how the peasant organization has been forging possibilities for fighting and achieving a dignified life on the land, through the articulation of the peasantry and the organization of agroecological practices in the territory of the Settlement, which is in the process of agroecological transition. The methodological procedures comprised bibliographical research and field research in which semi-structured interviews were used as the main data collection instrument, in addition to the field journal and photographic records. We found that in the Santana Settlement, peasants organized into collectives and mobilizing through agroecological practices are creating a new peasant condition. It is possible to see that practices are becoming stronger in the territories, in a dialectical perspective that moves life and makes people live, guaranteeing the affirmation of the interests of the peasantry.

Keywords: peasant condition; agroecological transition; Santana Settlement.

* Universidade Estadual do Ceará. Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Limoeiro do Norte, CE, Brasil. E-mail: adelianeoliveira19@gmail.com

Introdução

Nos estudos sobre o campesinato são emblemáticas as contribuições de autores como Chayanov (1974) e Shanin (1983). Ambos apresentam elementos para compreender, respectivamente, sobre a economia camponesa e o campesinato enquanto classe social. Para Shanin (1983), o campesinato se mobiliza em momentos de crise, de modo que os processos que permeiam essa dinâmica, como a extinção, divisão, fusão e migração das unidades domésticas significavam a mobilidade social do campesinato. O campesinato se entende como classe em momentos de crise, quando sua diferenciação interna é posta de lado e a coesão da classe se torna clara e evidente.

No contexto das relações desencadeadas na agricultura, percebemos a forte inserção capitalista no campo. Ao passo que a terra, aos olhos capitalistas, é uma mercadoria. Diferentemente da concepção de terra tida pelo camponês: é algo sagrado, um bem natural.

Sobre a “condição camponesa”, o estudo realizado por Duque-Arazola (1985) revela que esta envolve a dinâmica da reprodução camponesa. A autora apresentou a análise sobre a condição camponesa, situada no modo de produção capitalista e refletiu que, quando se remonta à “forma aparential camponesa”, entende essa aparência diretamente atrelada à essência das relações que, em sua totalidade, compõe a realidade. Assim, nos posicionamos a favor da resistência do campesinato no contexto contraditório do modo de produção capitalista.

Bartra (2011, p. 68) compara o camponês a um fantasma multiforme visto que “aparece primeiro como evidência social: como protagonista de movimentos reivindicatórios, como projeto e utopia, como socialização rural, como cultura, como discurso, como imaginário coletivo, como nostalgia”. Em sua análise, o autor afirma que os camponeses correspondem a uma classe condenada pela modernidade. Nesse sentido, inferimos que a sua não extinção e sua recriação no contexto capitalista é uma contradição, afirmada pelo projeto de campo forjado pelo campesinato, pautado na agricultura camponesa e na agroecologia.

Neste artigo analisamos a condição camponesa no Assentamento Santana em Monsenhor Tabosa – Ceará. Apresentamos a luta pela terra do Assentamento e como a organização camponesa vem forjando possibilidades de luta e conquistas de vida digna na

terra a partir da articulação do campesinato e a organização das práticas agroecológicas no território do Assentamento que se encontra em processo de transição agroecológica.

Além do levantamento bibliográfico, a vivência em campo foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, delimitamos para este ensaio, o trabalho de campo realizado em outubro de 2021 e como interlocutores, uma camponesa do Assentamento, tratada no texto como “Camponesa A” e o também camponês e gestor da Escola de Ensino Médio do Assentamento. As conversas informais e as entrevistas semiestruturadas se constituíram como os instrumentos de coleta de dados utilizados no âmbito desta pesquisa em que pudemos conhecer um pouco da vida no Assentamento, bem como conhecer experiências agroecológicas no diálogo com os camponeses. O diário de campo e os registros fotográficos também compuseram o arsenal para a coleta e registro das experiências. Assim, publicizamos, a partir da experiência do Assentamento Santana, como a organização camponesa vem forjando possibilidades de luta e conquista de vida digna na terra com a organização de práticas agroecológicas no território.

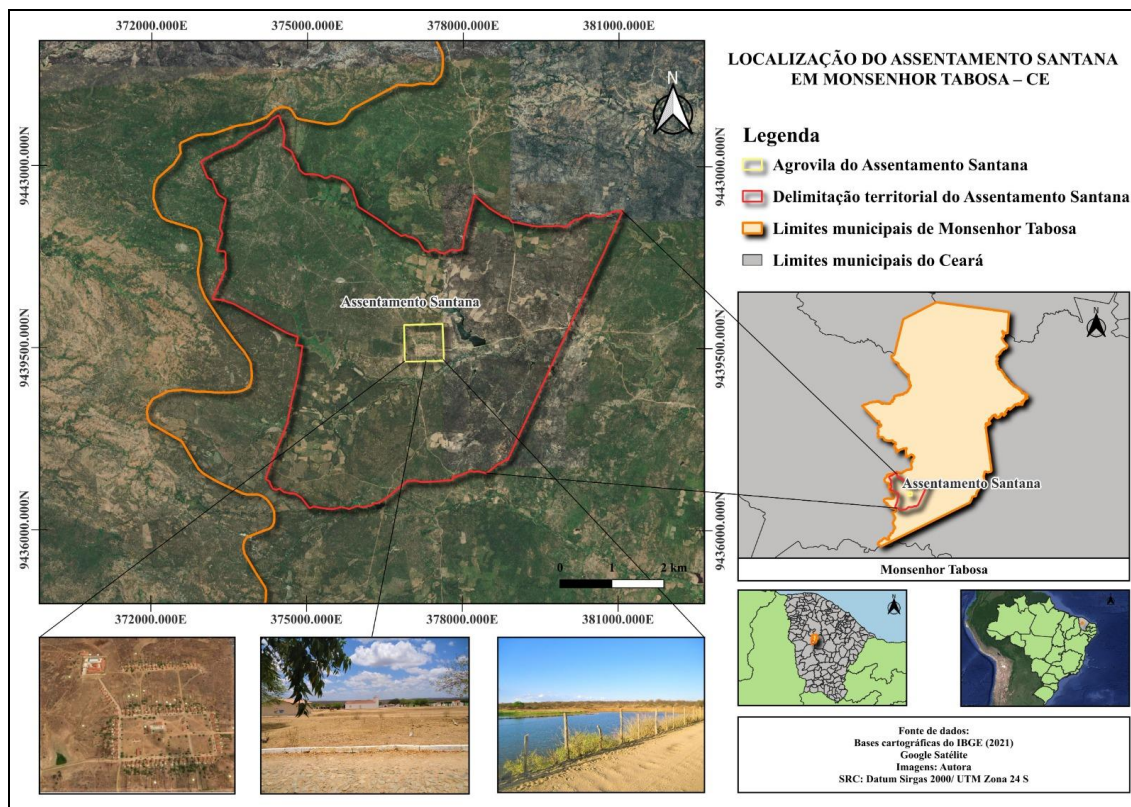
A luta pela terra no Assentamento Santana

O Assentamento Santana (Mapa 1), distante 275 km da capital cearense, Fortaleza e que faz parte da macrorregião do Sertão dos Inhamuns, é fruto da luta pela terra no Estado. Esta, teve como estopim o pagamento da renda justa, no interior das fazendas, pelos camponeses (Barreira, 1992). A luta pela terra do Assentamento Santana, na década de 1970, não fugiu a esta lógica. As famílias camponesas de sobrenomes Lourenço e Machado envolveram-se em conflitos com os seus patrões nas Fazendas Santana e Serra das Bestas, no município de Monsenhor Tabosa.

A década de 1970 viu a efervescência dos conflitos no campo em todo o Brasil. Na época, a atuação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, no Ceará, foi notável no esclarecimento dos abusos sofridos pelos camponeses no interior das fazendas com base no Estatuto da Terra. As famílias Lourenço e Machado, envolvidas na luta pela terra, foram instruídas a partir da palavra de Deus. Sobretudo a partir da mediação feita por Dom Fragoso, à época bispo no município de Crateús. O Surgimento da Comissão Pastoral da Terra (CPT), no ano de 1975, foi erguendo as bases para a mobilização e surgimento do Movimento dos

Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Brasil. Assim, o conflito nas fazendas, hoje Assentamento Santana, ergueram, portanto, o surgimento do MST no Ceará.

Mapa 1 - Localização do Assentamento Santana em Monsenhor Tabosa – CE



Fonte das imagens: Autora (2022). **Elaboração:** Batista (2022).

Nesse sentido, os caminhos postos para as famílias Lourenço e Machado que vendiam sua força de trabalho sob condições degradantes e expropriatórias (Santos, 2019) aos proprietários das fazendas Santana e Serra das Bestas foram delineados a partir da leitura da Bíblia junto às CEBs. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e a CPT foram fundamentais no processo de conscientização camponesa. Conforme Araújo (2014, p. 395), “no conflito dos trabalhadores rurais da Fazenda de Santana fica evidenciado a inter-relação entre as CEBs, CPT e STRs”. Naquele período, com as famílias Lourenço e Machado não foi diferente. Diante da evidência das irregularidades presentes na documentação da fazenda, “esses trabalhadores denunciaram uma série de irregularidades” (Brito, 2017, p. 53):

A fazenda, que pertencia a Francisco Júlio Filizola, havia dados errôneos no seu registro, como a documentação da fazenda que possuía dados errados sobre a extensão territorial da mesma. No documento era apresentado apenas 1000 hectares quando de fato seu tamanho na época era de 3213 hectares. Outra situação vivenciada pelas famílias era o não cumprimento do proprietário quanto aos acordos sobre o trabalho e seu respectivo pagamento e uso das terras, o que deixava os camponeses prejudicados configurando-se como uma relação de exploração por parte do proprietário” (Brito, 2017, p. 53).

As famílias camponesas “mediadas pela CPT iniciaram uma mobilização, a qual resultou na construção de um abaixo assinado para ser entregue ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Monsenhor Tabosa e para o Instituto de Colonização de Reforma Agrária (INCRA)” (Brito, 2017, p. 53).

A Fazenda Serra das Bestas foi desapropriada por interesse social para fins de Reforma Agrária através do Decreto nº 93.320, de 04/10/1986, sendo que, sua emissão de posse foi emitida pelo INCRA, em 04 de dezembro, do mesmo ano. No processo de luta pela terra, os camponeses organizaram-se no sindicato e passaram a conhecer os seus direitos para questionar a exploração do proprietário (Brito, 2017, p. 54).

Conforme Araújo (2014, p. 406), “à desapropriação da Fazenda Santana, em 1986, seguiu-se a estruturação do Projeto de Assentamento Santana em 1987”. O Assentamento Santana foi fruto do Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), afirmando o sonho da terra de trabalho coletivo.

Com a conquista do Assentamento foi necessário assentar os camponeses sem terra da região de Monsenhor Tabosa e Tamboril. A organização camponesa teve grande incentivo das CEBs e do Bispo Dom Frágoso, lutador das causas sociais, que defendia uma vida digna e com direitos para os povos do campo. O trabalho das CEBs na região já tinha um caráter político e de formação dos camponeses, que passaram a se reconhecer enquanto sujeitos de direitos e entender que só a luta social poderia lhes garantir o direito à vida digna e o acesso aos seus direitos enquanto cidadãos. Na formação promovida pelas CEBs, os camponeses vivenciavam os princípios da solidariedade, da comunhão e coletividade, que foram importantes para a própria organização do Assentamento. Logo após a desapropriação da área, iniciou-se o processo de organização dos camponeses que instituíram a criação de uma associação vinculada aos interesses sociais, políticos, econômicos, ambientais e culturais da organização comunitária do Assentamento. Então decidiram criar uma associação de moradores a qual foi denominada de Associação Geradora de União de Imenso Amor (Águia) (Brito, 2017, p. 54).

Conforme Barquete (1995), uma vez conquistada a terra e criado o Assentamento, o próximo passo seria a organização produtiva dos camponeses com a decisão de assumir o Assentamento de forma mista e dando ênfase à produção coletiva, bem como o não parcelamento das terras.

Essa decisão pôde ser tomada após a análise de experiências de trabalho coletivo realizadas nas comunidades vizinhas de “Tourão” e “Viração” (bodegas e armazéns coletivos, roçados, entre outras), como também na experiência mal sucedida de um assentamento vizinho totalmente parcelado (Barquete, 1995, p. 71).

Para Feliciano (2003, p. 120), “o assentamento é o ponto de chegada da luta camponesa no acesso à terra e é ao mesmo tempo, seu ponto de partida em um processo contínuo de luta para a afirmação de sua sobrevivência e reprodução enquanto classe social”. Assim, a organização dos camponeses na dinâmica do Assentamento foi um processo de articulação coletiva.

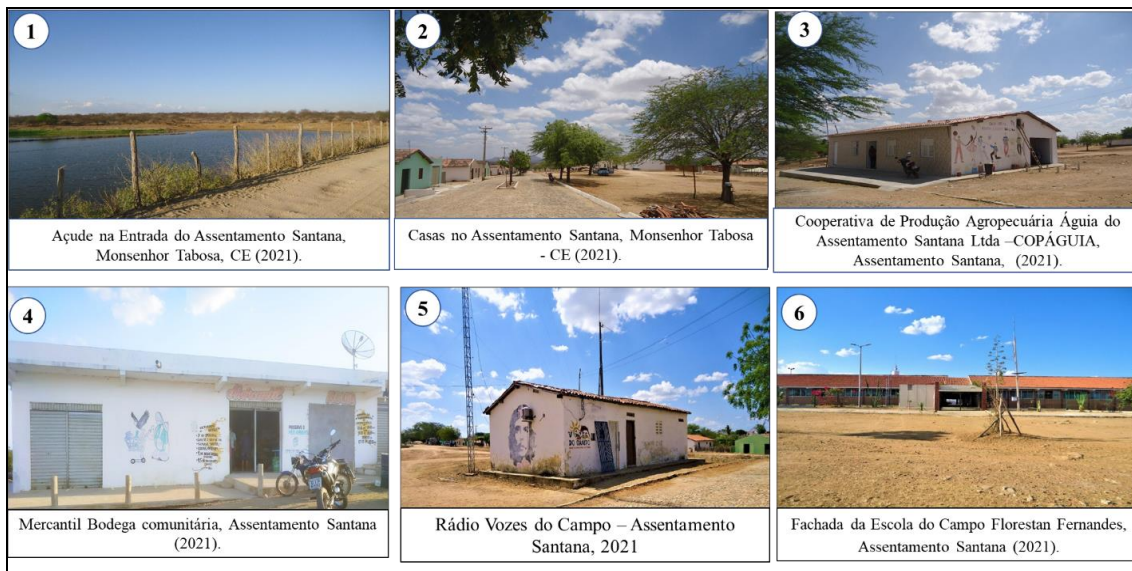
Geograficamente organizado, o Assentamento Santana apresenta uma extensa área, com casas e estabelecimentos que reforçam as lutas e as conquistas. Além da organização das casas, em forma de agrovilas, no Assentamento, outras estruturas também se destacam por serem o marco das articulações e decisões coletivas. Os dados mais atuais sobre a população são do ano de 2019 e indicam que o Assentamento “tem uma população de noventa e sete (97) famílias, sendo que setenta e sete (77) dessas famílias são assentadas e vinte (20) são agregadas, correspondente uma população aproximadamente de quinhentas 500 pessoas” (Ceará, 2019, p. 15).

De acordo com Barquete (1995), “a segunda etapa no desenvolvimento do Projeto de Assentamento Santana deu-se com a criação das Associação Geradora de União e Imenso Amor (ÁGUIA), em 19/05/1988”. Ao longo do tempo e diante do desenvolvimento da organicidade do Assentamento, a associação foi substituída por uma cooperativa: Cooperativa de Produção Agropecuária Águia do Assentamento Santana Ltda (COPÁGUIA), instituída em 16 de dezembro de 1990. Do mesmo modo, no Assentamento também foi conquistada a estrutura de um comércio coletivo: o Mercantil Bodega comunitária para a estruturação do Setor de Comercialização do Assentamento. Outro elemento importante no Assentamento é a Rádio Comunitária que difunde as diversas informações pertinentes à região dos Inhamuns.

Do mesmo modo a Escola do Campo Florestan Fernandes é parte constitutiva da continuidade da luta camponesa por acesso à terra e educação no Assentamento Santana. Para Fernandes, Fernandes e Sales (2017, p. 107-108), “a Escola Florestan Fernandes nasce da luta solidificada dos camponeses (as) em conjunto com o MST trazendo em seu bojo a construção de um Projeto Político Pedagógico que busca

articular a diversa dimensão do sujeito social”. Algumas das estruturas citadas e que compõem a paisagem do Assentamento Santana estão reunidas na Figura 1.

Figura 1 - Elementos da paisagem do Assentamento Santana, Monsenhor Tabosa- CE



Fonte e elaboração: autora, 2023.

Ao longo das reflexões até aqui realizadas e com base na análise empírica, principalmente a partir do diálogo com os sujeitos entrevistados, entendemos que há uma condição camponesa no Assentamento Santana que dialoga com a Escola do Campo Florestan Fernandes. No Assentamento Santana, percebemos a expansão das unidades produtivas enquanto campos experimentais reforçando a articulação dialética entre o assentamento, as comunidades e a escola.

O Assentamento Santana e a organização das práticas agroecológicas

O Assentamento Santana representa um exemplo prático da denominada transição agroecológica no Estado do Ceará. Para Gaia e Alves (2021, p. 771) “a transição agroecológica, em aspectos gerais, envolve o processo de construção de sistemas produtivos sustentáveis e abundantes em biodiversidade”. Nele têm-se a experiência da metodologia Camponês a Camponês (CaC). Esta, chegando ao Ceará ganhou nova roupagem: “temos renomeado como Camponesa e Camponês a Camponesa e Camponês” (Rodrigues, 2021, p.11). É uma forma de disseminar a agroecologia nos territórios camponeses a partir das experiências camponesas em suas áreas produtivas.

Com o lema “Quando o agricultor vê ele acredita!” (Sosa *et al.*, 2012), a metodologia CaC apresenta a importância da partilha de saberes e experiência entre os camponeses. À medida que as experiências são compartilhadas e postas em prática pelos camponeses, a metodologia vai sendo colocada em prática. Sobre o trabalho camponês, uma das camponesas do Assentamento Santana refletiu:

Ele [*campesinato*] não se caba porque a forma dele trabalhar é com prazer. Tudo que você trabalha com prazer, minha filha, não se acaba. Ele só cresce, ele se renova. Tem a questão do solo que é muito quente, mas se você souber trabalhar, acordar cedo, trabalhar até 10 ou até 11 horas, arar, começar 3 horas, as suas atividades organizadas, o camponês, ele é feliz. A questão da cobertura da terra, a gente tem que ter cuidado com a terra.... a terra se torna viva nos cuidados, a cobertura de deixar o restante de legumes que sobram, o feijão, os talos de feijão, de milho. Alí é que faz aquela cobertura na terra. E você pode olhar, onde tem muito “bascui”, onde tem restante de cultura, a terra chega é úmida, toda rariscada, terra boa. E se você deixar ela descoberta, só a poeira, você imagina que ela não dá nada. Aqui tem muita piçarra, mas não faz diferença de uma terra boa, né? Eu boto o paí, boto a cobertura, boto um pouquinho de água de manhã e de tarde, água doce. Sempre era um sonho que eu tenho, se tornou a vida alegre, mais fresca e é assim a vida do campo, de quem sonha (Camponesa A, entrevista, 07/10/2021, grifo nosso).

A vida no campo é um “sonho”, conforme demonstrado pela camponesa. Um sonho regado de lutas, resistências, conquistas e resiliências em que a agroecologia se faz presente. Conforme Fernandes, Fernandes e Sales (2017, p. 4) “a agroecologia não é um projeto que se faz por si, é necessário aliar-se às práticas populares, à inovação tecnológica e educacional, a partir dos sonhos e das lutas dos camponeses”.

Destacamos que as mulheres camponesas são as mais envolvidas na construção e disseminação agroecológica nas comunidades. Uma das camponesas entrevistadas, relatou sobre as experiências agroecológicas desenvolvidas no seu quintal produtivo (Figura 2): “a experiência do camponês a camponesa é se manter no campo, tirando da terra, dela tirando o sustento e pra isso a gente tem que ter cuidado com ela. Nos quintais, tudo é cheio de mato, faz cobertura e quando é o tempo de plantar a gente não tira, deixa que é pra poder manter a terra viva” (Camponesa A, Entrevista, 07/10/2021).

A agroecologia vem se forjando enquanto “campo de conhecimento e de prática”, de modo que já se percebem mudanças significativas nas práticas e relações com a terra e com a natureza de modo geral no Assentamento Santana. Um exemplo disso está posto no relato do gestor escolar ao focar o papel dos quintais agroecológicos nos territórios: “[...] essa prática dos quintais agroecológicos você tem produção o ano todo, porque muitas famílias usam várias técnicas e experiências.

Muitos utilizam o reaproveitamento das águas das pias, das águas do banheiro para a produção de frutíferas [...]” (Gestor da Escola do Campo do Assentamento Santana, entrevista, 06/10/2021).

Figura 2 - Quintal produtivo da Camponesa A, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora (2021).

No contexto climático do sertão cearense, “[...] considerando a pouca disponibilidade de recursos financeiros e as dificuldades hídricas, num período marcado por longa estiagem, predominaram iniciativas relacionadas à captação e ao armazenamento de água e à recuperação de solos e a implantação de unidades de produção simples” (Silva, 2017, p. 106). Os camponeses que não dispõem das tecnologias de captação de água se utilizam de meios para garantir a produção, como por exemplo o uso de caixas de plástico (Figura 3).

Figura 3 - Caixa d`água de plástico para armazenamento de água, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora, 2021.

Conforme relatado pelo gestor escolar (entrevista, 06/10/2021), os camponeses “[...] organizam caixas de plásticos ou tanques para armazenar água, que é bombeada pelo açude grande que vem abastecer as famílias do Assentamento. Essa água é para atividades gerais. Para Guhur (2010, p. 198-199, grifos do autor), o “que se quer destacar aqui é que na agroecologia não se trata, como observamos em muitos debates, de se contrapor “à evolução das forças produtivas”, substituindo técnicas das mais “modernas e avançadas” por práticas arcaicas e supersticiosas”. Entendemos a agroecologia na especificidade de cada assentamento, levando em consideração as características climáticas e o solo para construir a agricultura camponesa, livre de venenos e rico em soberania alimentar.

O papel da escola se destaca, por promover a reflexão, elaboração e experimentação de possibilidades e práticas para a convivência com o semiárido. A Escola do Campo Florestan Fernandes, uma experiência de Educação do Campo, se alicerça na Pedagogia do Movimento Sem Terra e é uma das doze escolas de Ensino Médio presentes nas áreas de Reforma Agrária do Estado do Ceará, que desempenha um papel fundamental no fortalecimento do campesinato e da agricultura camponesa através da agroecologia.

As tecnologias sociais são problematizadas na escola, propondo formas de produzir no contexto de cada escola e assentamento. Essas tecnologias são, ao mesmo tempo agrícolas, ecológicas, econômico solidárias e promovem segurança alimentar (Gnadlinger, 2006, p. 111). No Assentamento Santana, as tecnologias sociais possibilitam novos cenários para os camponeses assentados, conforme revelado a seguir:

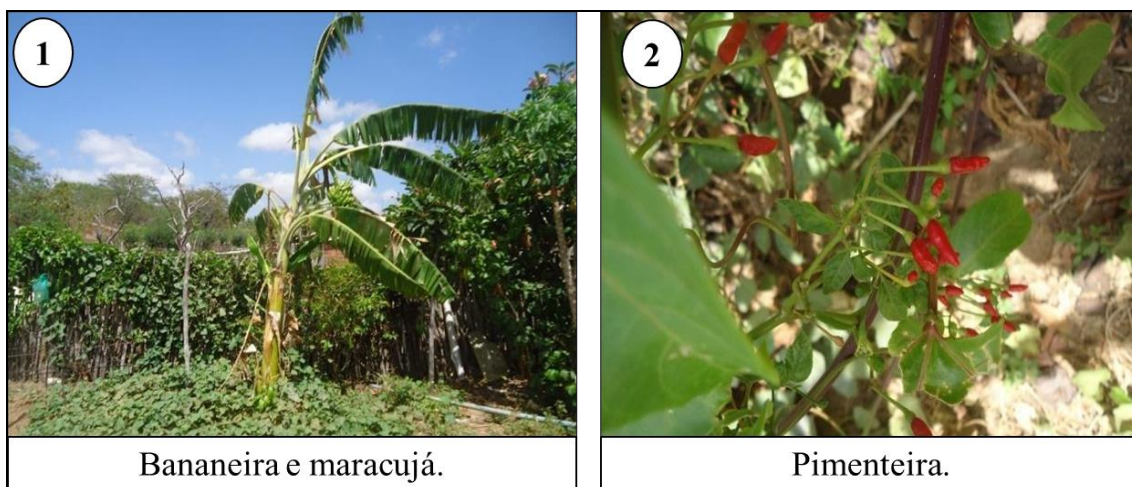
A gente tem a experiência hoje dos quintais produtivos. Porque os quintais produtivos, ele trás um novo cenário para as famílias. Antigamente a gente tinha essa ideia de quintal como espaço de entulho. O quintal, ele sempre, assim, numa visão tradicional, numa visão de campo, na visão capitalista, na visão equivocada, estereotipada, esteriótipo vamos dizer assim, o campo ele é espaço de atraso assim como os quintais são espaço de entulho. E hoje a gente mostra que o campo não é espaço de atraso, é espaço de desenvolvimento, espaço de produção da existência e resistência, da produção cultural, da produção da agroecologia e a gente percebe que as famílias tratam o quintal como o espaço da soberania alimentar porque a partir daí elas produzem seus alimentos saudáveis (Gestor da Escola Florestan Fernandes, entrevista, 6 de outubro de 2021).

Desse modo, destacamos as características da resistência camponesa no Assentamento Santana, em que os camponeses estabelecem relações de respeito com a terra, entendendo-a como um meio de produção, “porque a gente sabe que a terra é mãe

e ela precisa ser cuidada pra ela poder dar o retorno do alimento para nós. São os filhos que cuida dela” (Camponesa A, entrevista, 07/10/2021). A camponesa apresenta a leitura mística da ‘Pacha Mama’ para pensar a relação com a terra, entende-a como uma “mãe”, os camponeses são filhos, e como tal precisam cuidar da terra. Em entrevista à Nogueira (2014, p. 161), Carlos Walter Porto-Gonçalves revelou que a “Pacha Mama é a fonte da vida e não está separada dos homens. Trata-se de uma visão mais complexa e integrada do mundo”.

Conforme o relato e para Woortmann (1990, p. 12), o camponês “[...] não vê a terra como objeto de trabalho, mas como expressão de uma moralidade; não em sua exterioridade como fator de produção, mas como algo pensado no contexto de valorações éticas”. A terra, não é, portanto, “simples coisa ou mercadoria” (Woortmann, 1990, p. 12). Assim, podemos perceber esse cuidado ao adentrar no território do quintal da camponesa e observar as diversas culturas produzidas (Figura 4).

Figura 4 - Parte de produção do quintal produtivo da camponesa, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora, 2021.

A agroecologia também apresenta as diversas relações de gênero existentes na dinâmica das relações sociais e produtivas. No contexto dos quintais produtivos do Assentamento, por vezes, não há a divisão de atribuições entre homens e mulheres, e percebemos que estas estão envolvidas tanto no cuidado voltado para a horta, pomares e dos animais de pequeno porte. Aos homens, além de darem conta dessas atividades, se dedicam também aos cuidados aos animais de grande porte, do roçado, bem como trabalham para garantir o suporte forrageiro para as criações.

Nesse aspecto, na dinâmica do quintal produtivo, visualizamos uma experiência baseada no sistema agrossilvipastoril. Para Campanha e Holanda Júnior (2007, p. 1), “os sistemas de produção agrossilvipastoris que integram a exploração de lenhosas perenes com culturas e pastagem, vêm sendo propostos como alternativas ecologicamente sustentáveis para o semi-árido”. Esse sistema produtivo possui uma interação direta entre as partes, pois nele a diversidade se revela na composição de árvores nativas e restolho da produção de milho, para o suporte forrageiro (Figura 5). Nesse sistema, “você consegue, além de produzir alimentos, com consórcio de plantas nativas, você consegue criar pequenos animais. Lógico que você tem que ter um espaço e uma organização de lotes, né? Dos animais” (Gestor da Escola Florestam Fernandes, entrevista, 6/10/2021).

Figura 5 - Restolho de milho para suporte forrageiro, quintal produtivo de camponesa, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora (2021).

Além disso, “o uso de espécies arbóreas, tanto no campo agrícola, como no pastoril, constitui garantia de manter ativa a circulação de nutrientes e o aporte significativo de matéria orgânica, condição essencial para se cultivar, de maneira continuada, os solos tropicais” (Campanha; Holanda Júnior, 2007, p. 1). Os animais possuem um importante papel na manutenção do sistema produtivo por garantir além da matéria orgânica para a adubação do solo, a carne para o consumo familiar e venda. Assim, uma característica comum no Assentamento e nos quintais produtivos visitados é que a criação de animais que mais se destaca é a caprinocultura (Figura 6).

Figura 6- Aprisco com ovelhas (sistema agrossilvipastoril) no quintal de camponesa, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora (2021).

Ao longo das visitas aos quintais produtivos dos camponeses do Assentamento Santana, percebemos as particularidades existentes, o cuidado e embelezamento dos quintais. Afirmamos que o campo que deve ser um território fértil de ideias e sugestões práticas para embelezar e enfeitar os ambientes. Nessa tarefa, embora haja a contribuição masculina, se sobressai a figura feminina, de modo que as camponesas coloreem seus quintais com as cores vivas da natureza (Figura 7). Certamente, “nas culturas camponesas, não se pensa a terra sem pensar a família e o trabalho, assim como não se pensa o trabalho sem pensar a terra e a família” (Woortmann, 1990, p. 23).

Figura 7 - Cultivo de flores no quintal produtivo de camponesa, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora (2021).

A produção mista – plantas nativas, frutíferas e pequenos animais – caracteriza o sistema produtivo agrossilvipastoril (Figura 8). Temos, ainda, a produção de hortaliças (Figura 8) que alimenta a família camponesa e produz a soberania alimentar da mesma. Prática também presente nas experiências da Escola Florestan e que dialoga com as famílias.

Figura 8 - Horta no quintal Produtivo de camponesa, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora (2021).

As experiências com os quintais produtivos e hortas, desenvolvidas no Assentamento Santana, revelam os caminhos trilhados rumo à soberania alimentar das famílias. Devido as peculiaridades da região – Sertão dos Inhamuns – no Assentamento Santana, são utilizadas as tecnologias sociais para garantir a criação e manutenção dos quintais produtivos pelas famílias.

As tecnologias sociais encontradas no Assentamento são voltadas para a captação de água da chuva tanto para o consumo humano como para a produção. Nesse sentido, no Assentamento em questão, além da utilização da água da pia, outras estratégias e tecnologias de captação de água também são utilizadas, como por exemplo “[...] na produção dos canteiros (Figura 9) eles utilizam a água das cisternas, porque a gente tem muitas famílias aqui que além de ter a cisterna para o consumo humano eles tem a cisterna de enxurrada”.

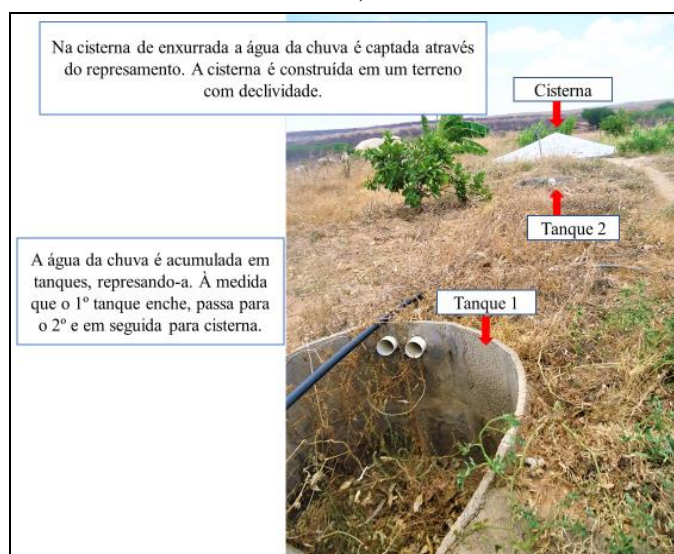
Figura 9 - Canteiro produzido a partir da água da cisterna de enxurrada, Assentamento Santana, 2021



Fonte: Autora (2021).

A cisterna de placa é uma das principais alternativas utilizadas no contexto do semiárido para garantir a reserva de água para o consumo e produção. A água, enquanto símbolo da vida, reforça sua necessidade para a existência dos seres. Assim, a conquista das cisternas de placas possibilitou a reconfiguração da vida nos territórios. Além da cisterna de placas para a produção, a cisterna de enxurrada (Figura 10), com capacidade para cinquenta e dois mil litros de água, é uma alternativa muito utilizada em áreas de Reforma Agrária, importante para produzir no contexto do semiárido nordestino.

Figura 10 - Cisterna de Enxurrada no Quintal produtivo de camponesa, Assentamento Santana, 2021

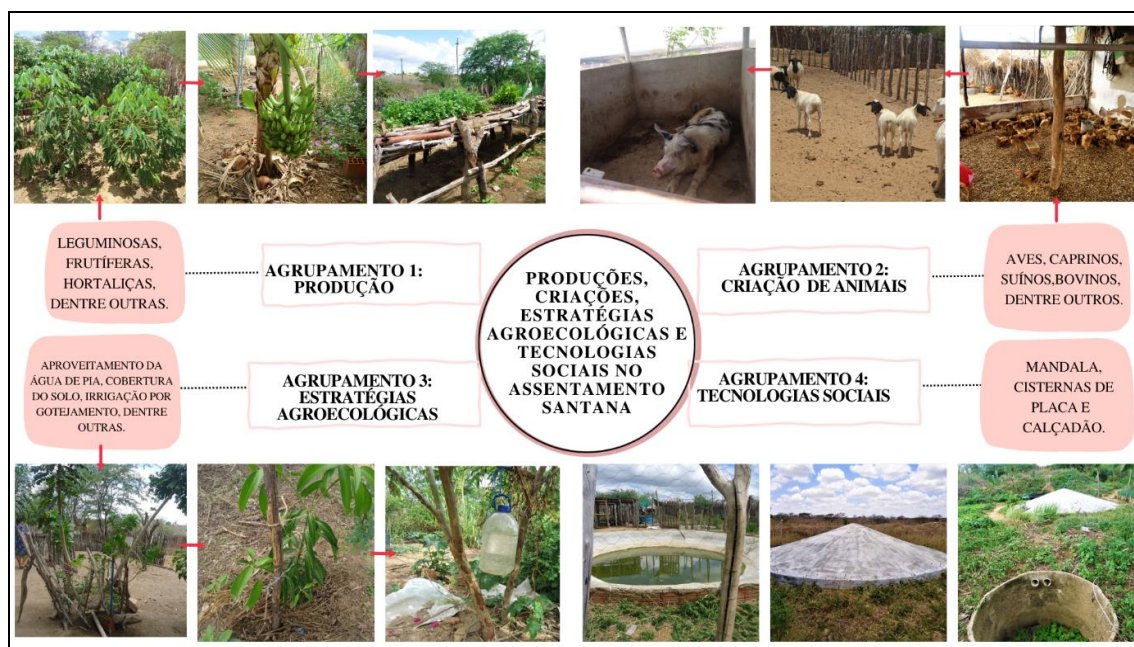


Fonte e elaboração: Autora (2021).

A cisterna de enxurrada, conforme se pode visualizar na imagem acima, é uma tecnologia social simples, porém muito eficaz na captação de água. A mesma possui dois tanques para o represamento da água, antes de sua chegada à cisterna propriamente dita. Um pré-requisito importante para a construção dessa tecnologia social é que seja construída num terreno com declividade. Assim, à medida que a água da chuva escoar na superfície do terreno e chega ao tanque 1, enchendo-o, ela é parcialmente filtrada (uma vez que galhos, folhas, raízes e demais vegetações ficam represados ali). Na sequência a água, mais limpa, é transportada, por canos, para o tanque 2, na sequência para a cisterna e posteriormente utilizada na produção e manutenção dos quintais produtivos dos camponeses. Cabe destacar que por conta da sua forma de captação, a água da cisterna de enxurrada não é própria para o consumo humano, sendo, mais adequada para esse fim, a cisterna de placas.

As produções e tecnologias sociais presentes no Assentamento Santana podem ser agrupadas a partir de: produções, criações, estratégias agroecológicas e das tecnologias sociais existentes, conforme sintetizado e apresentado na Figura 11.

Figura 11 - Síntese das produções, criações, estratégias agroecológicas e tecnologias sociais existentes no Assentamento Santana, 2023



Fonte e elaboração: Oliveira, 2023, p. 130.

Além das tecnologias sociais, no Assentamento, o diálogo com a Educação do Campo possibilita o estudo e experimentação de práticas significativas para a produção, contensão e armazenamento d'água para consumo e produção. O campo experimental (espaço formativo da escola), enquanto espaço estratégico para o desenvolvimento de conhecimentos pautados na agroecologia, possibilita articulação de saberes dos diversos camponeses no diálogo com as várias áreas do conhecimento e, inclusive, na valorização das práticas e saberes populares e ancestrais. Nesse sentido, a luta camponesa por vida digna no campo vai se fortalecendo a partir dos diversos sujeitos envolvidos nela.

Considerações Finais

As experiências encontradas e os diálogos com os camponeses, durante a realização dos trabalhos de campo, mostraram o processo de transição agroecológica no Assentamento Santana. Transição essa forjada nas articulações internacionais dos movimentos socioterritoriais com a Via Campesina ao trazer para o Ceará a metodologia cubana, Camponês a Camponês (CaC). As práticas e estratégias produtivas de base agroecológica partilhadas entre os camponeses constroem uma nova dinâmica relacional com a natureza e com a terra, que é uma “mãe”, na concepção da camponesa. Os quintais agroecológicos visitados mostraram-se diversos e vivos e as tecnologias sociais presentes, em sua maioria cisternas, se mostraram eficientes para manter a produção vegetal e os animais, no contexto desafiador do semiárido e da escassez hídrica.

Portanto, são práticas que afirmam a condição camponesa no território e para além dele. O melhoramento das unidades produtivas enquanto campos experimentais vão sendo percebido nos territórios, de modo que não há dissociação entre as práticas produtivas da escola do campo, o Assentamento e as comunidades assistidas por ela. A transição agroecológica no Assentamento Santana está sendo construída no diálogo com os sujeitos sociais e a juventude camponesa, que possui papel importante ao levar os saberes, as práticas e os valores escolares e agroecológicos para junto das suas famílias.

Assim, no Assentamento Santana, percebemos que os camponeses organizados em coletivos e mobilizando-se a partir de práticas agroecológicas estão erguendo uma nova condição camponesa. Sendo possível perceber que as práticas vão se fortalecendo

nos territórios, numa perspectiva dialética e essa articulação move a vida e o fazer viver garantindo a afirmação dos interesses do campesinato.

Referências

ARAÚJO, L. B. C. Assentamento rural de Santana: luta por terra e trabalho coletivo. *In*: SAMPAIO, L. F.; ALENCAR, F. A. G.; SILVA, C. N. M.; VASCONCELOS, F. M. T. (org.). **Espaços, natureza e resistências camponesas no Nordeste**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

BARQUETE, P. R. F. **Assentamentos Rurais em áreas de Reforma Agrária no Ceará: miséria ou prosperidade? O caso Santana**. 1995. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1995.

BARREIRA, C. **Trilhas e Atalhos do Poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

BARTRA, A. V. **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, 2011.

BRITO, C. S. **Contribuições ao estudo da transição agroecológica no Assentamento Santana – CE**. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós Graduação em Geografia, Fortaleza, 2017.

CAMPANHA, M. M.; HOLANDA JUNIOR, E. V. V. Sistemas Agroflorestais: uma alternativa para criação de caprinos em comunidades do sertão baiano do São Francisco. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO: Agricultura familiar, políticas públicas e inclusão social, 7., 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical, 2007.

CEARÁ. **Projeto Político Pedagógico de Formação Integral do Campo da Escola de Ensino Médio Florestan Fernandes**. Assentamento Santana, Monsenhor Tabosa-CE, 2019.

CHAYANOV, A. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1974.

DUQUE-ARRAZOLA, L. S. **A condição camponesa: aparência e realidade no capitalismo**. 1985. 358 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, 1985.

FELICIANO, C. A. **O movimento camponês rebelde e a Geografia da Reforma Agrária**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FERNANDES, I. F.; FERNANDES, I. L. C.; SALES, C. M. V. Agroecologia e educação do campo: a experiência da Escola do Campo Florestan Fernandes no Assentamento Santana – Monsenhor Tabosa/CE. *In*: MOREIRA, E. M.; CEVA, J. T.; JANATA, N. E.; MICHELOTTI, F.; NEUMANN, P. S.; MOLINA, M. C.; ARELARO, L.; WOLFF, E. A. (org.) **Residência Agrária em debate: Movimentos sociais e universidades públicas na construção de territórios camponeses no Brasil**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2017, p. 106-134.

GAIA, M. C. M.; ALVES, M. J. Transição agroecológica. In: DIAS, A. P.; STAUFFER, A. B.; MOURA, L. H. G.; VARGAS, M. C. (org). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1. ed. Rio de Janeiro e São Paulo, 2021, p. 771-777.

GNADLINGER, J. Tecnologias de captação de água de chuva em regiões semiáridas. In: KÜSTER, A.; MARTÍ, J. F.; MELCHERS, I. **Tecnologias apropriadas para terras secas: manejo sustentável de recursos naturais em regiões semi-áridas no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, GTZ, 2006, p. 103-122.

GUHUR, D. M. P. **Contribuições do diálogo de saberes à educação Profissional em Agroecologia no MST: desafios da educação do campo na construção do projeto popular**. 2010; 267 f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 2010.

NOGUEIRA, M. Descolonizar o pensamento, condição para a sustentabilidade: diálogo com o Carlos Walter Porto-Gonçalves. **Sustentabilidade em Debate**, Brasília, v. 5, n. 3, p. 159-168, set./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.18472/SustDeb.v5n3.2014.12713>

OLIVEIRA, A. V. **A Educação do Campo e a Agroecologia na constituição do campesinato no Ceará, Brasil**. 2023. 226 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/71544>. Acesso em: 20 mar. 2024.

RODRIGUES, S. Conheça a ação Camponesa a Camponês. **Revista Sem Terra Ceará**. Ano I, n. 1, p. 11-14, fev. 2021.

SANTOS, J. F. A. “**Terra que produz vida**”: Assentamento de Santana/CE e as mediações de seu processo de reprodução social. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social, Fortaleza, 2019.

SHANIN, T. **La clase incómoda: Sociología política del campesinado en una sociedad en desarrollo: (Rusia 1910-1925)**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

SILVA, P. R. S. Trabalho, educação e agroecologia nos campos experimentais das escolas de Ensino Médio dos Assentamentos do Ceará. In.: CALDART, R. S. (org.). **Caminhos para a transformação da escola: trabalho, agroecologia e estudos nas escolas do campo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SOSA, B. M.; JAIME, A. M. R.; LOZANO, D. R. A.; ROSSET, P. M. **Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês na ANAP em Cuba**. 1. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

WOORTMANN, K. Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 87, p. 11-73, 1990.

Recebido em 01/06/2024.

Aceito para publicação em 17/10/2024.